

# VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO SOCIAL EM MARCELINO FREIRE: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA

Karla Karine Claudino Tenório (UPE)  
[Karla - karine@hotmail.com](mailto:Karla - karine@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O presente estudo busca fazer uma análise de algumas obras do escritor pernambucano Marcelino Freire, dentro do plano de nosso trabalho, cumpre mencionar *Angu de Sangue* (2002) e *Contos Negreiros* (2005), que transpõe para um plano claramente alegórico os dramas do cotidiano, o protesto a consciência crítica e o entendimento das principais contradições de nossa sociedade contemporânea. Os referidos livros são escritos com base no cotidiano ao recriarem a própria ideia de conto, nisto de crônica da realidade brasileira, cujas temáticas vincula as expressões culturais e literárias das periferias, sejam estas urbanas ou regionais. Os textos Freirianos são protestos dramáticos, de uma comicidade incomoda ao redor de uma essência que reproduz as personagens que estão à margem da sociedade brasileira; esta análise esta baseada não somente em correntes literárias de caráter social de Fábio Lucas (1987), mas também pelas teorias de socicríticas de Prata (1997).

A escolha desse autor contemporâneo se deve ao fato de acreditarmos que temas “debatidos” na mídia e relevantes na sociedade atual são ressemantizados em seus contos. Isto porque em sua obra conseguimos ver temas contemporâneos como a sociedade do espetáculo, a sociedade líquida, a sociedade da simulação e medo líquido, que culminam numa reflexão da realidade. Conforme as teorias sociológicas de Goldman (1979), a escrita literária manifesta uma multiplicidade de acontecimentos que estão relacionados à existência humana, sem dúvida esta é uma questão importante, tendo em vista que o escritor ao construir sua obra é influenciado pelo meio social. A análise parte não somente da ligação do texto com o indivíduo, mas também da linguagem contemporânea.

Este trabalho tem por finalidade analisar as obras *Angu de Sangue* (2002) e *Contos Negreiros* (2005), de Marcelino Freire, segundo as teorias sociocríticas fazendo uma abordagem do contexto social, histórico e cultural; com isso tentamos fazer uma reflexão sobre a linguagem literária e sua inserção na compreensão dos processos sociais.

Para Schollhammer (2003, p. 87), “o confronto entre a imagem e o texto oferece atualmente uma abordagem fértil para compreensão da literatura numa sociedade cada vez mais dominada pela dinâmica da “cultura da imagem””. A imagem é um elemento significativo que traz mediações da realidade; essa cultura visual, conforme o autor se apresenta a partir do discurso cultural e de sua visibilidade literária. O texto depende mais do que nunca da qualidade visual, já que sua materialidade escrita depende do seu meio gráfico, esclarecendo que nada é puramente visual ou verbal, isto é, as linguagens são complementares.

No livro *Angu de Sangue* (2002) de Marcelino Freire, por exemplo, o conjunto de imagens não são ilustrações das palavras que compõem os contos, mas sim, uma interpretação dos textos. O projeto gráfico da artista Sylvania Zandomeni (2002) funciona como um instrumento de significação, uma espécie de interpretação dos conjuntos, em que “o conjunto texto-imagem forma um complexo heterogêneo fundamental para a compreensão das condições representativas em geral”, como argumenta Schollhammer (2003, p. 88).

Considerando que um papel da literatura é a reflexão, a leitura de *Angu de Sangue* possibilita ao leitor entrar em diferentes espaços do cotidiano brasileiro. As visões sobre esses espaços não são fatos individuais e sim sociais. O escritor, através da linguagem, expressa no

plano conceitual uma visão e descreve as formas de interpretação do mundo. Isso nos leva a perceber que a obra apresenta, constrói, possibilita reflexões sobre o mundo, revelando que tais espaços correspondem a algumas classes sociais de nosso país.

Ao refletir sobre a contemporaneidade, a partir de uma leitura das linguagens que compõem este “Angu”, cujo título já nos remete ao “caos” do mundo atual<sup>1</sup>, buscamos através da análise das obras *Angu de sangue* (2002); e *Contos Negreiros* (2005) de Marcelino Freire, mostrar como o estudo da literatura é importante para a compreensão não só da sociedade, mas também da cultura representada nos contos contemporâneos.

Nesta apresentação, propomos que na realização dos contos de Marcelino Freire, a crítica social não se faz apenas de monólogos e denúncias, mas principalmente ao chamar atenção do leitor para sentir através da voz das personagens a aproximação dos espaços sociais, das denúncias, da condenação aos detritos. No texto, a própria personagem “Totonha” é narradora das experiências de seu cotidiano. Nesta abordagem da obra literária, buscamos apoio na teoria social de Luiz da Costa Lima (2002) e Antônio Cândido (1985), dando ênfase ao contexto contemporâneo social brasileiro.

## 1. Como a literatura apresenta o mundo atual

O intuito aqui é fazer uma análise sociológica da obra e dos fatos literários. Dessa forma, o discurso sociológico se defronta com a obra literária, se preocupando com a construção das linguagens, como afirma Lima (2002, p. 664), “o texto é um instrumento que aponta para fora de si”.

Na análise da obra de Marcelino Freire, aparece uma leitura em movimento, isso não quer dizer que, literatura não é movimento, mas especificamente a obra *Angu de Sangue* (2002), possibilita ao leitor uma espécie de mobilidade literária. O que isto quer dizer? Uma leitura não linear, e não sequencial da obra. A linearidade esta relacionada às formas de leituras e linguagens da obra Freiriana, também nas decisões do leitor no processo de leitura. O leitor pode tomar a liberdade ao ler o livro ao observar outra arte. Artes Plásticas, por exemplo, ou seja, o livro seria em um dado momento a própria arte.

As páginas seriam movimentadas à revelia, uma leitura em que o leitor esquece a ideia de que (mesmo que o autor nos apresente um texto escrito) o que existe são outras formas de linguagens que antecipam cada conto de *Angu de Sangue* (2002), O leitor teria a liberdade de construir no primeiro momento de sua leitura a eliminação da leitura escrita, ou seja, tudo vira ou se transforma em um imenso *angu*, a que sugere a nossa literatura contemporânea. Para Todorov (2006, p. 120) “Toda narrativa é uma descrição de caracteres”, representados por meio da palavra (a ação da personagem e seu caráter), pode ser uma história virtual ou uma forma de apresentar a vida em sociedade.

A comunicação artística busca investigar como são condicionados os elementos constituintes das ações sociais. Na medida em que estes elementos são dependentes de três pontos fundamentais para a compreensão e produção artística (autor, obra e público), isto no ponto de vista sociológico, o autor constrói sua obra através de uma leitura sobre a influência social, do público em contextos distintos, onde podemos concordar com Sainte – Beuve (apud CÂNDIDO 1985. p. 18) quando aponta que a obra “tem em seu núcleo e o seu órgão através do qual tudo que passa se transforma, por que ele combina, cria e devolve a realidade”.

A literatura contemporânea brasileira têm se apresentado de maneira provocativa ao utilizar a linguagem. É preciso entender a linguagem contemporânea como uma linguagem de intravisiões. Ou seja, os autores presentes em um contexto social, político e histórico, fazem uso dos discursos da sociedade para compor a obra literária. A linguagem crítica utilizada na

---

<sup>1</sup> Angu tanto pode ser uma comida típica, quanto remeter, por analogia, à ideia de confusão, conflitos humanos que são agravados ou superdimensionados a partir da composição junto à palavra “sangue”.

obra de arte causa um efeito nos leitores, quando fala sobre a complexidade da vida contemporânea.

Podemos considerar as *Metamorfoses da Cultura Contemporânea* de Fernando Schuler (2006) nos debates e discursos da sociedade atual, “associados à crise das ideologias,” apresentados nos discursos Freirianos. Aqui a literatura não surge como resultado ou quebra da tradição oral, mas com novos elementos, como leituras de imagens, que estão presentes na construção dos contos; essas imagens provocam no leitor a sensação de pré-interpretação textual, como se ela distorcesse a realidade. Na verdade, quem distorce: a realidade ou o texto? É preciso ter cuidado para não avaliar a obra como um reflexo da realidade. Assim o que esses contos trariam de novo?

Na compreensão dos contos de Marcelino Freire, os textos se apresentam muito antes de sua escrita. São as imagens que dialogam com o leitor, ou seja, a própria capa e contracapa já revelam este cenário, em muitos casos o leitor, antes mesmo de abrir o livro já se vê parte do próprio livro. As imagens que antecipam a interpretação do leitor são utilizadas no texto para confrontar a escrita; faz-nos refletir sobre o caminho que trilha a sociedade atual, em se tratando de multiplicação do aparelho do pensamento, chega-se a uma percepção dos processos artísticos em relação ao reconhecimento da obra.

Em *Angu de sangue* o texto é iniciado com uma frase do autor Ariano Suassuna, ao apresentar que cada palavra que compõem esta obra deve ser compreendida “como um tiro ou uma facada. Cada palavra tem seu significado sangrento” (FREIRE, 2000 p. 15). Não podemos deixar de perceber a importância e intensidade que o autor a concede a cada palavra, como um elemento de caráter crítico, que tem a função de chocar e confrontar o leitor.

Segundo Bonald (apud PRATA, 1997), “a literatura é uma expressão da sociedade” (p.151). Uma representação nítida das relações sociais; enquanto houver humanidade haverá história e literatura, pois somos nós construtores desta arte de narrar. Nos contos de Marcelino Freire, os signos, códigos e sinais podem ser compreendidos por meio dos fundamentos teóricos de Green (apud, LIMA, 2002), onde se diz que “o livro é um conjunto de sinais que não representam nenhum objeto. Para ver é preciso ler, isto é, ligar caracteres tipográficos (...)” (p. 235).

Para Terry Eagleton (2001), “Literatura pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas”. (EAGLETON, 2001 p. 9). No processo de leitura e escrita, as palavras são relacionadas a um contexto de significação no mundo, essa linguagem que se refere a algo, uma espécie de “linguagem que fala de si mesma”. (EAGLETON, 2001 p. 11).

## **1.2 Análise dos contos de *Angu de Sangue* e *Contos Negreiros*.**

Na escrita de “Marcelino Freire”, é notável uma tensão de linguagem, tensão que conduz a personagem no plano dialógico, ao representar o espaço de opressão social, nos revela coisas que nenhuma teoria sociológica ou politológica poderá no dizer. O movimento nesta leitura se faz pela imagem ao transforma-se tecnicamente reproduzível a palavra. Essa “reproduzibilidade” da obra de arte depende das técnicas e autenticidade gráfica de produção ao preservar a naturalidade das ilustrações do cotidiano brasileiro. (BENJAMIN 1994 p. 66).

Marcelino Freire é um escritor raro, não lê e escreve como o costume. Não vê as palavras por fora, mas por dentro. “Reside no que fala e muda os móveis e o vocabulário de posição.” Eve Lyn (2002), por ser considerado um escritor contemporâneo e criativo, é possível identificar em sua obra traços culturais de nossos tempos hodiernos, associados “a crise das ideologias”. (SCHULER, 2006 p. 76).

As imagens que antecipam cada conto de “Angu de sangue” funcionam como links que apontam para os textos que compõem esta obra de Marcelino Freire. Ao destacar os contos

Freirianos ligados por uma rede, que esta vinculada as representações da sociedade atual. Destaca-se a voz das personagens como uma forma aproximada da linguagem das camadas sociais, ao representar através deste conflito de vozes uma aproximação da tradução oral, tem os contos de Marcelino como uma espécie de resignificação da poesia épica. Por meio da utilização do discurso direto, seja este do autor narrador ou da personagem narradora dos fatos, o que se busca nesta análise é mostrar o ritmo, a sonoridade representada pela denuncia, a condição de sobrevivência em meio aos distritos, apontado no primeiro conto desta obra “Muribeca”. “não eles nunca vão tirar a gente deste lixo. Tenho fé em Deus, com a ajuda de Deus eles nunca vão tirar agente deste lixo”. (FREIRE, 2005 p. 23).

As vozes narrativas destes contos são vozes dos excluídos, (no sentido figurado, que nos remete ao literal), que participam de um espaço de violência e desvalorização do humano em sua existência urbana. Nessa configuração analítica do próprio título da obra, temo Angu como: não mais uma comida típica regional brasileira, mas como uma aproximação do caos da sociedade contemporânea, e o sangue permanecem a espirrar das inadequações sociais. Vale lembrar-se da voz de “Muribeca”, personagem que descreve sua vida no lixo, por meio de uma linguagem que nos possibilita construir “imagens” deste cenário. A voz que abre as portas para adentrarmos neste enquadramento, é a voz catadora condenada aos retos dos seguimentos da sociedade atual. Observe o trecho do conto: “Lixo? Lixo serve para tudo. A gente encontra a mobília da casa, cadeira pra pôr uns pregos e ajeitar, sentar. Lixo pra poder ter sofá, costurado, cama, colchão. Até televisão.” (FREIRE, 2005 p. 23).

Por entre os 17 contos que compõe a obra “Angu de Sangue”, os quais merecem a reflexão do leitor, sendo esta uma obra que vincula a tradição oral no Brasil, quebrando com a tradição regional, tradição essa que descrever seria os acontecimentos regionais, que possui vez encontra raízes na sociedade rural. As personagens que compõe esta obra têm em sua totalidade vozes que “são restos”, ou seja, no sentido literal ou figurado, a sua adaptação no universo, violência e existência urbana (FREIRE, 2005 p. 23).

A articulação discursiva das personagens, esse lirismo faz parte da função metalinguística desta obra. O autor apresenta sua sensibilidade por meio da palavra. “A palavra verdade e verdadeira,” apresentada no conto “Belinha”, que questiona o leitor sobre o poder das palavras, que o mundo é composto por linguagens, seja verbal ou não verbal, o que se busca é passar uma mensagem. “eu disse a palavra, a palavra que faltava que sempre falta uma palavra. Falta.” (FREIRE, 2005 p. 30).

Parodiado Ariano Suassuna as palavras em “Angu de Sangue” soam como um tiro ou uma facada, cada palavra possui o seu significado sangrento. As denúncias são constantes nos textos Freirianos. No conto “Cidades ácidas”, temos a escrita aproximada da fala da personagem que remete a um bêbado, por meio da oralidade autor aproxima-se do estado de intoxicação alcoólica destacado pela pontuação. Esse conto “Cidades ácidas tem características futuristas, Segundo Marinetti (1905), espírito contestador que o Futurismo representava e que poderia servir aos anseios “libertários” ressurgem na crítica ao futuro, temos elementos que ressaltam este movimento, a inquietação com o mundo.

Os sinais de trânsito. Em nome do Pai, do Filho, do espírito Santo. O carro sem saber para onde ia. O carro como cinza de cigarro. O bêbado havia chegado ao seu destino. Velocidade. Vela. Véu. Automóvel. A chave. Ficou parado, esperando a. Chave. Esperando, Bêbado. Para tentar sub. Ir Aos céus. (FREIRE, 2002 p.116).

Já por falar-se de uma obra cujo seu próprio nome tem duplo sentido, implica esclarecer que: “Angu” é tanto uma comida misturada pela farinha quanto um estado de confusão, tendo em sua duplicidade a intensificação dos valores sociais. O autor faz uma analogia entre o angu, comida típica regional em relação com as inadequações urbanas. Sendo

o sangue aquilo que expira das inadequações sociais, conflitos e desigualdade nas relações humanas. (FREIRE, 2005).

Na produção da obra *contos negreiros* (2002) de Marcelino Freire, temos a capa e contracapa, como um retrato da realidade. O selo de código de barras, sobreposto na vestimenta desta obra, opera como uma espécie de repressão, cuja, numeração apresentada no código de barras, serve para identificar o valor que exerce o homem na sociedade contemporânea. Podemos nos apoiar em Guy Debord (2003) quando nos fala que a sociedade vive em espetáculo representação da realidade “E sem dúvida o nosso tempo, (...) Prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser”.

Na obra “Contos Negreiros” de Marcelino Freire, o autor faz através das repetições das palavras o reforço discursivo, por meio das vozes das personagens que compõe estes “contos negreiros”. Trata de tirar o leitor do grau de conforto e fazer reflexões por meio do olhar da própria literatura, atuando “nessa configuração estranha que é o texto” (PRATA, 1997 p. 146), quando ela nos fala desta estranheza do texto, é por conta das inquietações que são construídas na mente do leitor, por meio das figuras de linguagens, ao questionar a expansão das inadequações urbana.

### **1.3 Sequências estruturais explicativas no conto “curso superior” de Marcelino Freire.**

As principais características da obra Freiriana, são as construções da escrita, as formas de ler a sociedade contemporânea. Temos o conto “Curso Superior” inserido na obra “*Contos Negreiros*” (2005), conto esse que será pontuado pelo leitor, em sua leitura multimodal, e assim serão segmentadas a critério interpretativo no processo oral, as pausas quem dá você leitor. Deixa livre para que o leitor dialogue com o texto, e construa seu próprio ritmo. As pausas no texto, segundo Adam (2008 p. 242), são “conectores argumentativos que se associam as funções argumentativas dos enunciados”. Encarregado de reforçar uma inferência, ou seja, apesar deste conto não obter pontuação, os introdutores explicativos admitem transformações na forma interpretativa. A ideia é vivenciar as sequencias periódicas explicativas, aplicadas à língua por meio de uma escrita criativa no texto “curso superior,” de Marcelino Freire na sua abordagem do cotidiano brasileiro.

A obra “contos negreiros” traz em sua roupagem uma leitura dialogada, por apresentar elementos novos na disposição das palavras sobre o texto. Pode-se observar no conto “curso superior” como as estruturas sequenciais explicativas acontecem na reprodução da escrita Freiriana, e que revela por meio da fala da personagem o espaço que ela ocupa nessa configuração do texto. A facilidade inferencial, segundo Adam (2008), ocorre pela ação explicativa feita pelos conectores como: POR QUE, QUE, NEM, É POR QUE, PORQUE, E, O QUE É QUE; O sentido do texto será dado através destes conectores. Substituindo os sinais de pontuação; esses marcadores não estabelecem apenas uma remissão referencial, mas sim as estruturas explicativas que apontam as relações (negativas /explicativas) quando a apresentada no texto da seguinte forma:

“O Meu medo é a situação piorar E eu não conseguir arranjar emprego NEM de faxineiro NEM de porteiro e o pessoal dizer QUE o governo já fez o QUE pôde e o QUE pôde já deu a sua cota de participação hein mãe não sei”. (M. FREIRE, 2005.p.98). Os marcadores à esquerda (NEM/E), apresentam uma ação negativa indireta ou alternativa, por se tratar de uma possibilidade, de acontecimentos. Já na direita temos o marcador (QUE), como um escopo que aponta para o encerramento do discurso que se supões alcançado. Estes elementos hipotéticos e funcionais dão todo o sentido expresso pelo autor ao texto, sem utilizar os sinais de pontuação, forma característica do autor.

A ciência dos signos é chamada de semiótica, que segundo Charles Peirce (apud, JAKOBSON, 1987 p.77). “O signo é formado pelo homem, onde todo signo verbal ou não

verbal comporta códigos linguísticos, pertencentes a uma comunidade e tem em sua finalidade é passar uma mensagem”. A qual tem em como instrumento de comunicação a possibilidade de troca, troca essa que designa o tipo de informação e construção desta mensagem. Já na concepção de Colin Cherry (apud JAKOBSON, 1987, p.78). “não são imagens da realidade, mas documentos a partir dos quais construímos nossos modelos pessoais.” Diante desta descrição, pode-se afirmar que a composição dos símbolos se apropria do uso da metalinguagem, ou seja, os símbolos já existentes na língua, e recodifica esses elementos da língua, sejam esses verbais ou não verbais, apenas busca-se compreender a ligação e sua função crítica e reflexiva.

Segundo Gullar (2006), na década de 1960, a arte ganhou uma nova roupagem, ou seja, não apenas as pinturas e esculturas têm valor artístico, a fotografia, ganha vida e permanece intacta aos olhos do artista por registrar acontecimentos únicos, ou marcos históricos e culturais em um determinado espaço no tempo. Na obra *Contos Negreiros* (2005), as fotografias da capa e contra capa atuam como uma imagem que dialoga com o leitor, por que a imagem representa contextos épicos que de forma implícita confronta a realidade atual.

A análise da estética da criação verbal na obra impressa Segundo Bakhtin (2000 p. 130) esta voltada às vivências, com o objetivo de sempre é dado ao mundo cultura, não ao contexto de valores individuais, mas atrelados às vivências significante no mundo. Aponta que “Não obstante, não se chegará a entender completamente os fenômenos da linguagem, se não levar em conta a presença do outros fatores que se situam fora do campo de análise. Refiro - me à condição da obra de arte como mercadoria e as consequências geradas por esse fato”. O autor deixa claro que a compreensão da obra esta relacionada ao contexto em que esta inserida; A obra deixa de ser uma mercadoria e passa a ser um elemento de significação para o leitor e de mudanças significativas na sociedade.

Segundo Walter Benjamin (1994), o autor destaca que a reprodução da imagem foi liberada da responsabilidade artística, passa a depender do olhar que se tem sobre uma imagem. Para ele o olhar captura as coisas de forma rápida, podendo acompanhar as palavras em um nível disjuntivo. Em uma escala valorativa, para poder acompanhar sociedade atual, se faz necessário compreender o reflexo da imagem que é reproduzida pela sociedade. A ideia não é desvalorizar a imagem em tela, Ou seja, a criação manual; como a escultura; Mas relatar que a imagem capturada por uma câmera fotográfica, tem uma função rápida e natural da imagem cotidiana.

Segundo Benjamin (1994), as questões de estética, produção, valores e evolução da arte. Uma imagem capturada por uma câmera é dependente do ângulo e do grau observação, pode ser capaz de selecionar traços expressivos e formas que não são acessíveis aos olhos humanos; e que reproduz a imagem de forma natural.

A comunicação artística busca investigar como são condicionados os elementos constituintes das ações sociais. Na medida em que estes elementos são dependentes de três pontos fundamentais para a compreensão e produção artística (*auto, obra e publico*), isto no ponto de vista sociológico, o autor constrói sua obra através de uma leitura sobre a influência social, do publico em contextos distintos, onde podemos concordar com Sainte-Beuve (apud, CÂNDIDO 1985 p. 18), nos afirma que é de fundamental importância entender em que aspectos a obra faz parte do social? Podemos responder essa indagação, na medida em que a obra “tem em seu núcleo e o seu órgão através do qual tudo que passa se transforma, por que ele combina, cria e devolve a realidade”. Diante da fala expressa pelo autor entende-se que a obra tem a função de transformar a realidade, ou seja, nenhuma análise sociológica pode dar conta de tudo que ocorre na sociedade mediada pela obra literária, mas temos aqui a teoria como uma vestimenta para se compreender a obra literária e sua construção estética e contextualizada, para assim adentrar em uma leitura social, a qual nos remete através da obra

Freiriana, um entendimento das relações sociais como um reflexo da realidade contemporânea.

Ao analisar as tendências contemporâneas podemos nos apoiar em (ALFREDO BOSI, 2006), ao relatar que a contemporaneidade inicia-se a partir da década de 1930, tudo que foi construído depois desta época contém traços da atualidade, e mantém uma ruptura com a estética de uma época, seria a inovação dos métodos e a transmissão das informações embutidas em nossa sociedade.

O cântico primeiro desta obra “trabalhadores do Brasil” em *Contos Negreiros* (2002) possui em seu ritmo uma sonoridade que pode ser cantada, ou compreendida como uma ressematização da poesia épica. Pode ser considerado cântico da realidade brasileira, nessa configuração conduzida pelo jogo de palavras e metáforas utilizadas pelo escritor. É notável a representação do talhador na sua atividade cotidiana, como é visto na atualidade, esse humano desvalorizado que participa de um espaço de exclusão da sociedade. Seria exemplo o seguinte trecho do conto:

Enquanto Olorum trabalha como cobrador de ônibus naquele transe infernal de transito Ossonhe sonha como um novo amor para ganhas 1 passe ou 2 passe na praça turbulenta do pelo fazer sexo oral anal seja lá com quem for tá me ouvindo bem?(...) em seu branco safado? Ninguém aqui é escravo de ninguém. (FREIRE, 2002 p. 19 e 20).

No processo de imitação construído transversalmente pelo gênero “cântico”, como uma espécie de resignificação da poesia da épica, suscitando emoções do gênero mais antigo, o canto que é subdividido em contos. As preocupações de ordem metodológica têm acentuado na tentativa de converter esta análise a ilustração de força social. Seria à análise um elemento que aponta para fora de si? O texto é um indicador que serve como um documento de reflexão do que se passa na sociedade.

Os métodos a serem adotados para atingirmos os objetivos desta pesquisa são os seguintes: Levantamentos bibliográficos de revisão literária, tendo como foco principal analisar a obra *Angu de Sangue* (2002), e *Contos Negreiros* (2005), através das teorias de Schollhammer (2003). Ao discutir sobre os diálogos literários e as múltiplas vozes que compõem os textos ficcionais de Marcelino Freire, a convenção literária refrata um olhar particular, entre o narrador e a personagem, por exemplo, “entre uma voz e uma visão, entre aquilo que é dito (telling) e aquilo que é mostrado descritivamente (showing)” (SHOLLHARMER, 2003 p. 89), o reforço interpretativo é preenchido a partir da oralidade e da criação imagética no texto literário.

A literatura de Marcelino Freire incomoda o leitor, traz inquietações sobre a sociedade brasileira. Ele é considerado um agitador cultural, porque fala de uma sociedade que não vai bem, demonstra através da linguagem esse espaço de banalização e violência cotidiana. Freire escreve para se vingar de algo que o inquietou, mas ele não escreve apenas textos sangrentos, expressa, através de seus personagens, uma agonia, um conflito de vozes, um aperreio, já que as personagens apresentam os espaços sociais de forma gritante. “Não é, entretanto, uma oralidade que vincule facilmente os contos de Marcelino Freire à tradição oral e que, sobre tudo no Brasil, encontra suas raízes nas sociedades de extração rural, como é aquela de boa parte das obras ficcionais resultantes da literatura regionalista do seu apogeu anos 30.” (Freire, 2002 p. 12).

A escrita Freiriana é contemporânea por que ele representa esse espaço urbano, esse movimento social, confere à obra a capacidade de refratar através da criação verbal, e de seu conteúdo temático, o estilo e a estética, pertencentes à linguagem dos tempos hodiernos; sua obra contribui para a sociedade, para o público leitor e estudiosos de literatura, na medida em que dá voz às personagens que participam de um espaço de exclusão. O escritor Marcelino

Freire faz uso de símbolos representativos das palavras em suas narrativas, compostas não apenas pela linguagem verbal, mas também por elementos semióticos.

A obra trata da banalização da violência diária instigando o leitor a uma reflexão sobre o processo de espetacularização produzida pela mídia. A ideia é confrontar a linguagem Freiriana, com o discurso midiático, ou seja, dos meios de comunicação, TV, jornais, blogs, revistas online e etc. Trata-se de encontrar na obra de arte aspectos experimentais quanto à representação da realidade. Em se tratando da obra de arte, podemos citar Kundera (1996), que nos fala sobre o poder do escritor de desmascarar um sistema social, e desenvolver mecanismos que mostrem através da linguagem a exclusão e a angústia do ser excluído, condenado ao conformismo, entre a realidade e a ficção, sendo uma violação perpétua das formas de vida. A posposta deste trabalho é analisar duas obras de Marcelino Freire, através de uma leitura social de Goldman (1979) compreender a obra literária: *Angu de Sangue* (2002) e discutir sobre o caos da sociedade contemporânea, o sangue que expira das inadequações urbanas. Na análise reflexiva de *Contos Negreiros* (2005), cujo próprio título esta fincado em expressões culturais e literárias das periferias, sejam essas urbanas ou regionais; na linguagem de suas personagens há um forte apelo às questões que envolvem a escrita entrelaçada pela oralidade, nesta construção a ficção dar lugar aos testemunhos as personagens que participam de um espaço de exclusão social, destes que não tem lugar na cultura (forma literária) dominante.

Nesta abordagem crítica da obra literária e das imagens constituintes estas obras *Angu de Sangue* (2002) e *contos negreiros* (2005). Busca-se tirar o leitor da sua zona de conforto e fazer refletir sobre o mundo atual. Chegamos à conclusão de que as obras analisadas, não são apenas obras contemporâneas, mas obra capaz de ratificar a próprio sentido da literatura que é a ampliação de significados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEJAMIN, Walter, **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- CÂNDIDO, **literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária/** Antônio Cândido, São Paulo, Nacional, 1985.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**, São Paulo. Martins fontes, 2001.
- FREIRE, Marcelino, **Contos negreiros**, 1ª ed. Rio de Janeiro, ReLL cord, 2005, 103 p.
- FREIRE, Marcelino. **Angu de Sangue**, 2ª ed. São Paulo: Cotia: 2005.131 p.
- GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**, tradução de Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. – 2ª ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KUNDERA, Milan. **A arte do Romance**. 1ª ed. *Rio de Janeiro*, Nova Fronteira. 1929.105 p.
- LIMA, Luiz Costa, **Teoria da Literatura e suas fontes**, 2ª ed. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 2002.1037 p.
- OLINTO, Heidrun Krieger & SCHOLLAMMER, Karl Erik, **Literatura e cultura**, Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio; São Paulo: Loyola, 2003, 72, 86 p.
- PRATA, Maria Rodrigues. **Métodos críticos para análise literária**, ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997, 145 p.
- SCHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado. **Metamorfoses da Cultura**, Porto Alegre: Sulina, 2006.176 p.